

NOTA SOBRE A METAPSIKOLOGIA FREUDIANA

NOTES ABOUT THE FREUDIAN METAPSYCHOLOGY

NOTAS SOBRE LA METAPSIKOLOGIA FREUDIANA

Rafael Raffaelli¹

Resumo

Discute-se a diferenciação metapsicológica das instâncias narcísicas na obra de Freud, segundo a leitura de Lacan de *À Guisa de Introdução ao Narcisismo*.

Palavras-chave

Freud; Lacan; Narcisismo; Metapsicologia

Abstract

The metapsychological differentiation of the narcissistic instances in Freud's works is discussed according to Lacan's reading of *On Narcissism: an Introduction*.

Keywords

Freud; Lacan; Narcissism; Metapsychology

Resumen

Se discute la diferenciación metapsicológica de las instancias narcísicas en la obra de Freud conforme la lectura de Lacan de *Una Introducción la Narcisismo*.

Palabras-clave

Freud; Lacan; Narcisismo, Metapsicologia

¹ Doutor em Psicologia Clínica, PUC/SP. Professor Titular do Departamento de Psicologia da UFSC e do Corpo Permanente do Programa de Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas da UFSC.

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente artigo é colocar em evidência a questão da definição das instâncias narcisistas do 'ideal-de-Eu' e 'Eu-ideal', tal como foram descritas por Freud, seguindo a leitura que Lacan realiza de sua obra *À Guisa de Introdução ao Narcisismo*.

Devido às alterações no entendimento de Freud sobre a definição e a função dessas instâncias ao longo de sua obra, persiste até os dias de hoje uma controvérsia sobre essa questão, dificultando aos estudiosos da psicanálise uma compreensão adequada da tópica freudiana.

Lacan, em seu *O Seminário 1*, conduz uma análise atenta dessa questão, sendo acompanhado nessa empreitada por J.Leclaire, O.Mannoni e J.Hypollite, buscando clarificar esses conceitos através da leitura do original em alemão.

Será realizado primeiramente um levantamento histórico do desenvolvimento do conceito de metapsicologia e da definição das instâncias narcísicas na obra de Freud, para depois trabalhar com a leitura conduzida por Lacan.

1. METAPSIKOLOGIA E AS INSTÂNCIAS DO APARELHO PSÍQUICO

Termo criado por Freud em 1896 numa carta a seu amigo Fliess, a metapsicologia distingue as concepções teóricas psicanalíticas das perspectivas da psicologia clássica. Os modelos propostos na metapsicologia estão para além do observável e referem-se a um conjunto de teorias que define as instâncias do aparelho psíquico: a teoria das pulsões, o recalçamento e a interpretação dos sonhos, entre outros processos. Divide-se nas perspectivas "*dinâmica*", relativa ao conflito psíquico e à composição das forças de origem pulsional; "*tópica*", relativa à diferenciação da psique em sistemas ou instâncias com diferentes funções; "*econômica*", relativa à distribuição e circulação da energia psíquica ou pulsional.

Os principais textos em que Freud trabalha numa perspectiva metapsicológica são: o *Projeto de uma Psicologia* (1895); *A Interpretação dos Sonhos* (1900), em especial o Capítulo VII; *Formulações sobre os Dois Tipos do Acontecer Psíquico* (1911); *À Guisa de*

Introdução ao Narcisismo (1914); *O Inconsciente* (1915); *Para Além do Princípio do Prazer* (1920); *O Eu e o Isso* (1923) e *Esboço da Psicanálise* (1938), entre outros.

A tópica, do grego *topos* ou lugar, é uma “teoria dos lugares”. A denominada “primeira tópica” freudiana dividia as instâncias psíquicas em Consciente, Pré-consciente e Inconsciente, como no Capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos*; a partir de 1920 essa concepção é substituída pela “segunda tópica”, dividindo a personalidade em Eu (Ego), Isso (Id) e Supereu (Superego).

Mas essa mudança na metapsicologia freudiana, no que se refere à divisão das instâncias psíquicas, começa a tomar corpo a partir de 1914, com proposição de um sistema denominado ideal-de-Eu.

O ideal-de-Eu na formulação freudiana nos remete à diferenciação entre o mundo e o Eu, na qual o Eu é tomado como objeto amoroso em substituição ao narcisismo primário, que foi a primeira unidade na qual operou a clivagem entre gozo e angústia; isso implica numa renúncia à onipotência infantil e abre caminho para a assunção de novos ideais, calcados sobre os modelos parentais e os estereótipos sociais.

Já que o ser humano não pode renunciar à idéia de perfeição de sua infância, tenta reconquistá-la na forma de idealizações projetadas sobre o Eu, que irão orientá-lo como objetivos a serem alcançados no mundo.

Em seu texto de 1914, *À Guisa de Introdução ao Narcisismo*, Freud assim define essa instância do aparato psíquico: “Assim, o que o ser humano projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, durante a qual ele mesmo era seu próprio ideal”. (Freud, 1914/2004: 112)

A formulação freudiana sobre o ideal-de-Eu sobre alterações ao longo de sua obra: em 1917 (*Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise*), o ideal-de-Eu é colocado como uma instância do próprio Eu.

Em 1921 (*Psicologia das Massas e Análise do Eu*) o ideal-de-Eu é visto uma instância autônoma em relação ao Eu, embora as funções que lhe sejam atribuídas confundam-se com as do Supereu: “A essa instância demos o nome de ideal-de-Eu (*Ichideal*) e lhe atribuímos como funções a auto-observação, a consciência moral, a censura onírica e a influência principal na repressão”. (Freud, 1921/1981: 2588)

Em 1923 (*O Eu e o Isso*) a noção de ideal-de-Eu praticamente se confunde com a de Supereu, quando esse termo é introduzido na metapsicologia freudiana; finalmente em

1933 (*Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise*) o ideal-de-Eu aparece como uma das funções do Supereu. (Laplanche/Pontalis, 1986: 289-291; Roudinesco/Plon, 1998: 362-363)

Mas nem todos que trocam seu narcisismo primário por um ideal-de-Eu grandioso conseguem sublimar suas pulsões; embora atingir as metas do ideal-de-Eu exija a sublimação, essa não pode ser forçada. Daí surge uma tensão psíquica que pode conduzir a uma neurose: “*É justamente entre os neuróticos que encontramos as maiores diferenças de tensão entre o desenvolvimento alcançado pelo seu ideal-de-Eu e o grau possível de sublimação de suas pulsões libidinais primitivas*”. (Freud, 1914/2004: 113)

2. A LEITURA DE LACAN

Em *O Seminário 1*, o Dr. Leclaire fica responsável pela tradução do texto original de *À Guisa de Introdução ao Narcisismo*, que é comentado trecho a trecho por Lacan e os demais presentes.

Chegamos a essa questão importante – o que acontece com a libido do eu no adulto normal? Devemos admitir que ela se confundiu totalmente nos investimentos objetivos? Freud rejeita essa hipótese, e lembra que o recalque existe, com, em suma, uma função normalizante. O recalque (...) emana do eu nas suas exigências éticas e culturais. As mesmas impressões, os mesmos eventos que ocorreram a um indivíduo, os mesmos impulsos, excitações, que uma pessoa deixa nascer em si, ou que pelo menos elabora de maneira consciente, serão rejeitados por outra pessoa com indignação, ou mesmo abafados, antes de se tornarem conscientes. (Lacan, 1983: 156)

Ao se diferenciar, o Eu necessita estabelecer uma relação com seus objetos, mas não pode dissolver-se neles. O recalque estabelece limites para a escolha objetiva, devido à internalização das proibições; isso faz com que cada indivíduo estruture sua personalidade de uma maneira diferente.

Há aí uma diferença de comportamento, de acordo com os indivíduos, as pessoas. Freud tenta formular essa diferença assim: - Podemos dizer que uma pessoa erigiu em si um ideal com o qual mede o seu eu atual, enquanto a outra está desprovida dele. A formação de um ideal condicionaria então para o eu o recalque. É para esse eu ideal que vai agora o amor de si, de que gozava na infância (...) o eu real – *das wirklich Ich*. (Lacan, 1983: 156)

A formação de um 'ideal' é o que levaria as pessoas a encararem diferentemente os estímulos a que estão submetidas, a partir de uma relação também diferenciada com os seus recalques.

O texto prossegue: - O narcisismo parece desviado para seu novo eu ideal que se encontra de posse de todas as preciosas perfeições do eu, como o eu infantil. O homem mostrou-se incapaz, como sempre, no domínio da libido, de renunciar a uma satisfação, uma vez obtida. Freud emprega pela primeira vez o termo eu ideal na frase – é para esse eu ideal que vai agora o amor de si, de que gozava, na criança, o verdadeiro eu. (Lacan, 1983: 156)

Note-se que é o primeiro momento em que Freud emprega essa nova terminologia – eu ideal – na sua conceituação teórica metapsicológica.

Mas diz em seguida – Ele não quer renunciar à perfeição narcísica da sua infância, e (...) procura reganhá-la na forma nova do seu ideal do eu. Figuram, pois, aqui, os dois termos: eu-ideal e ideal do eu. (Lacan, 1983: 156)

Como Freud era rigoroso no que escrevia, é de se estranhar o emprego simultâneo, dentro de um mesmo parágrafo, desses dois termos: Eu-ideal e ideal-de-Eu. Em várias das primeiras traduções da obra de Freud – na inglesa, na francesa, na espanhola e também na brasileira – essa diferenciação não é assinalada.

E Freud emprega aí Ich-Ideal, que é exatamente simétrico e oposto ao Ideal-Ich. É o signo de que Freud designa aqui duas funções diferentes. (...) Um está no plano do imaginário, o outro no plano do simbólico – porque a exigência do Ich-Ideal toma seu lugar no conjunto das exigências da lei. (Lacan, 1983: 157)

Estabelecida essa primeira diferença tópica entre essas duas instâncias simétricas, surge o espaço para a terceira e mais conhecida instância do aparelho psíquico: o Supereu.

Não seria espantoso, diz ele [Freud] em seguida, que encontrássemos uma instância psíquica especial que cumprisse a missão de velar pela segurança da satisfação narcísica decorrente do ideal do eu e que, para esse fim, observasse e vigiasse de maneira ininterrupta o eu atual. Essa hipótese de uma instância psíquica especial que preencheria, pois, uma função de vigilância e de segurança nos conduzirá em seguida ao supereu. (Lacan, 1983: 158)

A estruturação do Eu ocorre a partir do abandono do narcisismo primário, ao mesmo tempo em que persiste o desejo de recuperá-lo. Esse abandono acontece através do deslocamento da libido para um ideal-de-Eu formado segundo modelos exteriores e a realização desse ideal gera prazer.

Chama-se ideal do eu alguma coisa que está para além de uma forma do eu, que é propriamente um ideal e que se aproxima mais da idéia, da forma. (...) A primeira vez que ele fala do eu-ideal, é para dizer que é para o eu ideal que se dirige agora o amor de si-mesmo. (...) Seria talvez preciso distinguir um desenvolvimento da pessoa e uma estruturação do eu, (...) porque é um eu que estrutura, mas num ser que se desenvolve. (Lacan, 1983: 159-160)

CONCLUSÃO

A diferenciação proposta por Jacques Lacan - apoiada na leitura de *À Guisa de Introdução ao Narcisismo* - entre as instâncias narcísicas, admite as seguintes instâncias: Eu, Supereu, ideal-de-Eu (registro do simbólico) e Eu-ideal (registro do imaginário).

Tomando essa diferenciação como base, temos que o fim do complexo de Édipo resulta na estruturação do Supereu como *topos* das interdições internalizadas e, ao mesmo tempo, na formação do ideal-de-Eu, que congrega as idealizações e as expectativas sociais introjetadas.

Através do ideal-de-Eu o objeto é revestido por uma fascinação amorosa, pois na teorização freudiana a idealização enaltece o objeto sem modificar a sua natureza, processo que a diferencia da sublimação, que transforma a pulsão sexual em ação correlata dessexualizada.

Assim o Eu fica submetido a duas instâncias reguladoras complementares, uma que determina o interdito (proibição) e outra que traça as metas pessoais (ambição) a serem alcançadas; assim, se por um lado infringir a lei do Supereu acarreta culpa, por outro, a consecução dos objetivos propugnados pelo ideal-de-Eu gera exultação.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1914/2004). *À Guisa de Introdução ao Narcisismo* (1914). In *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. (L.A.Hanns, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1921/1981). *Psicología de las Masas y Analisis del Yo* (1921). In *Obras Completas*. (L.Lopes-Ballesteros y de Torres, Trad.). Madrid: Biblioteca Nueva.

LACAN, J. (1983). *O Seminário 1: Os Escritos Técnicos de Freud 1953-1954*. (B.Milan, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LAPLANCHE, J./PONTALIS, J.-B. (1986). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.



